

TRISTÃO E ISOLDA

Proveniente de uma tradição oral dos povos celtas residentes na Bretanha, a história de Tristão e Isolda foi escrita e publicada por dois autores distintos: Normand Béroul e Thomas d'Angleterre, em 1170 e 1175. Entre as origens possíveis da narrativa, há uma leitura correspondente às estações do ano: Isolda pertence ao rei Marc durante os meses frios e a Tristão nos meses quentes.

Rivalen, rei de Loonóis, na Escócia, casa-se com Brancaflor, irmã de Marc, rei da Cornualha (no sudeste da Inglaterra). O reinado de Rivalen é atacado por Morgan e este mata Rivalen. O Marechal deste, Rohalt, cuida de Brancaflor, mas esta não suporta a perda de seu marido Rivalen, deseja a morte e de fato morre logo após dar à luz a Tristão, que é criado pelo Marechal Rohalt como um filho. Ainda adolescente, Tristão é raptado por piratas, mas fortes tempestades que chegam para punir os piratas por tal vilania, os obrigam a deixarem Tristão num pequeno barco perto de uma praia. Caçadores que o encontram, notam rapidamente a sua formação de jovem nobre e o levam a Marc, que percebe as altas virtudes do jovem. Estabelece-se rapidamente entre eles uma profunda amizade, mesmo Marc não sabendo que Tristão é seu sobrinho.

Nessa época, o rei da Irlanda obrigava o rei da Cornualha a lhe pagar tributos anuais e no quarto ano ele exigia 300 moços e 300 moças de 15 anos como forma de pagamento extra! A única maneira de esse tributo não ser pago seria algum guerreiro da Cornualha aceitar combater o gigante irlandês Morholt. Nenhum dos cavaleiros da Cornualha teve coragem, por isso Tristão decidiu aceitar esse desafio, duelou e venceu. Mas, desta luta recebeu um golpe de uma espada envenenada cuja ferida nunca é curada, nem mesmo pelo o rei Marc apesar de seu empenho. Tristão pediu, então, que o colocassem num barco para que morresse no mar. No entanto, depois de sete dias o barco aportou numa praia da Irlanda e os pescadores que o encontraram, o levaram para uma dama caridosa, Isolda, sobrinha do gigante que Tristão tinha acabado de matar, pois somente ela era hábil nas poções e podia salvá-lo. Isolda, a Loira, cuidou dele por 40 dias, e assim Tristão pode voltar para a corte do seu querido tio..

O rei Marc não tinha filhos e queria que Tristão o sucedesse no trono da Cornualha, mas seus barões não concordaram. Um belo dia, duas andorinhas trouxeram um fio de cabelo dourado, então o rei disse que se casaria com a mulher possuidora deste fio de cabelo, imaginando assim que não se casaria jamais, de modo a deixar seu reino para Tristão. No entanto, quando este viu o fio de cabelo, lembrou-se da dama Isolda que havia cuidado dele, onde tinha matado o gigante. Tristão se ofereceu, então, para ir até a Irlanda pedir Isolda em casamento para o rei Marc. Ao chegar depara-se com um dragão terrível na porta da cidade e que ameaçava só sair dali se uma donzela lhe fosse entregue. Além disso, é informado de que o rei da Irlanda tinha anunciado que daria sua filha Isolda em casamento a quem vencesse o dragão. Tristão combateu o dragão e o venceu, cortou sua língua, guardou-a no bolso da sua calça e o contato desta com a sua pele o envenenou. Então, um barão do rei quis se passar pelo

vencedor do dragão, a fim de se casar com a filha do rei, por isso, ao ver o dragão morto, esse barão cortou-lhe a cabeça e a levou ao rei. Isolda percebeu toda a trama e foi até o lugar onde estava o corpo morto do dragão e descobriu ali, agonizante, o verdadeiro herói que tinha matado o monstro: Tristão. Ela cuidou dele, mas descobriu que tinha sido ele quem havia matado o gigante, seu tio. Mesmo assim, desiste da vingança. Tristão pede ao rei da Irlanda para levar Isolda para a Cornualha para tornar-se esposa do rei Marc, como tinha sido anteriormente combinado. A mãe de Isolda preparou um filtro mágico de amor para que fosse dado ao rei Marc e a Isolda, quando estes se encontrassem pela primeira vez, no entanto, por acaso, durante a viagem de navio, Tristão e Isolda bebem o líquido encantado e apaixonam-se definitivamente.

Apesar de estarem apaixonados, ao chegar à Cornualha Isolda desposa o rei Marc. Passado algum tempo, Tristão e Isolda passam a se encontrar em segredo, o rei Marc acaba descobrindo e os dois amantes fogem e se escondem numa floresta impenetrável, onde permanecem por três anos, vivendo em grande privação, mas num amor mútuo completo. Durante todo esse tempo o rei Marc procurou-os para vingar-se e, quando finalmente os encontrou, viu-os adormecidos, com a espada de Tristão no solo entre eles. Isso fez o rei pensar tratar-se de um sinal de que eles viviam uma vida casta, de modo que os perdoa e se afasta deixando a sua própria espada como um sinal de que ele tinha estado ali e que os tinha perdoado. Quando os amantes despertaram e viram a espada do rei, comoveram-se. Depois de três anos o filtro perdeu o seu poder, o encantamento deixou de agir, então decidiram pedir perdão ao rei. Um pensou no bem do outro: refletiram que a vida na corte seria muito mais confortável para ambos. Assim, voltam ao convívio social, por amor um do outro. O rei recebeu Isolda de novo como sua esposa, mas expulsou Tristão de suas terras, devido à inveja daqueles quatro barões. No entanto, embora Tristão e Isolda já não se amassem mais porque a ação mágica do filtro houvera cessado, eles continuavam a se amar de maneira humana.

Tristão partiu então para sua terra de Loonois, mas não conseguiu lá permanecer e saiu em busca de aventuras, servindo vários senhores em diversos países. Como não recebeu nenhuma mensagem de Isolda em dois anos, pensou que esta o tinha esquecido. Vai então à Bretanha, onde torna-se amigo do duque de Hoel, senhor daquelas terras, e do seu filho Kaherdin. Combate ao lado deles e os liberta de um grande inimigo. A filha do duque de Hoel chamava-se Isolda das Brancas Mãos e, ao saber que ela se chamava Isolda, Tristão “sorriu e olhou para ela com mais ternura”. Por ter salvo as suas terras e a sua vida e a do seu filho, o duque de Hoel dá a ele sua filha em casamento. No entanto, Tristão não se une fisicamente a ela e diz a Isolda de Brancas Mãos que quando entrou em combate contra o dragão fez uma promessa à Mãe de Deus de que se vencesse e um dia se casasse ficaria um ano inteiro sem abraçar e beijar sua esposa. Ele inventou essa promessa apenas para não trair a sua amada: Isolda, a Loura. Essa outra Isolda, sua esposa, respondeu que suportaria isso de boa vontade.

Isolda, a Loura, ficou sabendo desse casamento e decide que nunca mais falará com Tristão pois pensa que ele a traiu. Em grande sofrimento por ter casado com outra mulher, ele conta sua história para Kaherdin e este se compadece do amigo e decide acompanhá-lo de volta para a Cornualha e ajudá-lo a se aproximar novamente de sua amada. No entanto, Isolda a Loura rechaça as tentativas de aproximação, de modo que Tristão volta à Bretanha em grande sofrimento. Pouco depois Isolda a Loura se arrepende profundamente por não ter acreditado em Tristão e caiu num grande remorso, que a atormentava noite e dia.

Tristão foi muito bem recebido por todos em sua volta à Bretanha, mas logo sente que nada mais importa para ele do que voltar a ver a sua amada, pois sem isso cedo ou tarde morreria de tristeza. Então que morresse e que a rainha Isolda soubesse que ele morreu por amor a ela. Decide vestir-se de mendigo e parte de novo para a Cornualha sem avisar ninguém. De cabelo raspado, uma cruz pintada na cabeça e a pele do rosto lambuzada, Tristão aproximou-se do castelo do rei Marc fazendo-se de louco, entrou na corte e diante de Marc e Isolda, diz ser Tristão, conta toda a sua história de amor com Isolda, mas ninguém acredita: continuam todos a tratá-lo como louco, mesmo Isolda. Mas Tristão espera o momento em que a rainha fica só, volta a se aproximar e consegue fazer com que ela o reconheça. Então Isolda novamente se entrega a ele. Com medo de ser descoberto, Tristão resolve partir, mas antes disso ela lhe pede que volte em breve para leva-la ao País Venturoso dos Vivos do qual Tristão, disfarçado de louco, tinha falado ao rei Marc pouco antes como o lugar para onde levaria a rainha. E Tristão, antes de partir, diz que partirá para preparar a casa clara que prometeu a ela: “a casa de cristal, florida com rosas, luminosa de manhã quando brilha o sol!”.

Ao chegar de volta à Bretanha, entra em combates para ajudar seu querido amigo Kaherdin, mata sete irmãos de um barão inimigo, mas foi ferido por uma lança envenenada. Nenhum dos médicos da Bretanha conseguiu curá-lo. Sentindo que a morte se aproximava, quis então ver sua amada rainha Isolda uma última vez. Como já estava debilitado demais devido ao veneno, pede a Kaherdin para levar o anel de jaspe que Isolda tinha lhe dado e dizer a ela que somente ela poderá consolá-lo, e que se ela não vier ele morrerá, e que ele cumpriu a promessa de que a amaria para sempre. Combinaram que na volta, se a amada de Tristão estivesse no navio, Kaherdin içaria uma vela branca; se ela não estivesse, içaria uma vela preta. Isolda de Brancas Mãos, encostada na parede do quarto vizinho, ouviu essa conversa entre os dois e, tomada de ódio e ciúmes, decidiu vingar-se de Tristão.

Quando Kaherdin, depois de vários dias, retornava em seu navio com Isolda a Loura, ergueu a bandeira branca e aproximou-se do cais. Tristão tinha esperado no cais por muitos dias, mas a fraqueza física tornou-se tamanha que teve que voltar ao seu leito antes de avistar o navio, que demorou muito a chegar devido a uma tempestade. Tristão definhava em seu leito quando o navio atracava. Então Isolda de Brancas Mãos aproximou-se e disse que avistara o navio de Kaherdin se aproximando. Tristão perguntou a ela como era a bandeira, e ela respondeu que era “toda preta”. Então “Tristão virou-se para a parede e disse: ‘não posso reter minha vida por mais tempo’. Disse três vezes: “Isolda, amiga!”. Na quarta vez, entregou sua alma a Deus.”

Quando Isolda a Loura desembarcou, os lamentos ecoavam pelas ruas e os sinos dobravam nos mosteiros e capelas. Quando perguntou o porquê de todo aquele luto um velhinho respondeu: “Tristão, o Leal, o Valente, morreu!”. Isolda, a Loura correu para o quarto onde o corpo de Tristão jazia e onde Isolda das Mãos Brancas gritava enlouquecida pelo mal que tinha causado. Ao entrar, disse a esta: “Senhora, levantai-vos e deixai que me aproxime. Tenho mais direito de chorar do que vós, acreditai-me. Amei-o mais!” Então “Ela voltou-se para o oriente e orou a Deus. Em seguida descobriu um pouco o corpo, deitou-se junto a ele, beijo-o na boca e no rosto e o abraçou bem apertado: corpo contra corpo, boca contra boca, assim ela entregou sua alma. Morreu junto dele, de dor por seu amigo.”